

Textos humorísticos sobre a “mulher feia” nos anos 1920 na revista *Vida Capichaba*

Humoristic Texts about the “Ugly Woman” in the 1920s in *Vida Capichaba*

Ester Abreu Vieira de Oliveira*
Késia Gomes da Silva*

A revista *Vida Capichaba* é um dos periódicos mais antigos do Espírito Santo. Fundada em abril de 1923, pelos professores Manoel Lopes Pimenta e Elpídio Pimentel, teve sua produção até fevereiro de 1957. Era conhecida pelas propagandas comerciais, matérias jornalísticas e variadas seções sobre política, moda, saúde, esporte e literatura com poemas, contos, ensaios e crônicas (SODRÉ, 2016, p. 12). Nessa parte havia textos humorísticos que influenciavam no comportamento das leitoras para procurarem seguir um padrão subserviente aos maridos, aos pais e à Igreja. Elas agrupavam uma variedade de assuntos e conceitos que eram propagados na sociedade (PACHECO, 1992).

* Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Emérita da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Bolsista da Fundação Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Suas diversas seções propunham enfatizar a ideia da normatização do comportamento social feminino, principalmente, buscando “educar” as moças para o modelo ideal da época, ou seja, voltado exclusivamente para a base familiar onde o princípio da mulher perfeita passou a ser valorizado (SILVA, 2014, p. 32). O método utilizado pelos autores para “discipliná-las” era o do humor e, não raro, estes desqualificavam a mulher que desobedecia aos valores impostos pela sociedade com zombaria sobre o seu físico.

Para Sigmund Freud (1981) o feio em qualquer de suas manifestações é objeto de comicidade e esta reside em nossos atos como tais e, conscientemente, provocamos o seu surgimento. O psicanalista relaciona a satisfação que produz uma piada à satisfação do “instinto libidinoso e hostil” que se opõe a um obstáculo. Quanto à agressão que o “chiste” produz no Outro, quando o coloca em ridículo, Freud explica que, se por um lado proporciona limitações, por outro, abre fontes de prazer inacessíveis e inclina o ouvinte a colocar-se afastado, sem necessidade de refletir sobre a causa em questão.

O tema da feiura feminina foi um dos mais expostos na revista *Vida Capichaba*, ora como um meio de enaltecer o ideal de beleza almejado por alguns homens, que esperavam que as mulheres se encantassem por eles e passassem a valorizar o padrão estético, ora como uma forma de preservar a moralização familiar, dentro do princípio patriarcal que buscava a submissão da mulher ao marido e ao pai, e, ainda, no conceito machista da época de que uma mulher feia seria a melhor escolha num casamento, pois não haveria perigo de ela cometer adultério.

Para um tranquilo casamento, uma mulher feia daria mais liberdade ao marido, pois não se importaria com suas saídas noturnas, além de ser trabalhadora, boa mãe e dona de casa, logo, “necessária” ao lar.

Na revista *Vida Capichaba* havia escritores que elogiavam a beleza da mulher ou satirizavam a sua feiura. As sátiras eram intensas para com aquelas que não eram consideradas belas, pois se configuravam como uma agressão à moralidade social masculina. Portanto, muitas foram as intervenções em relação à estética como

percebemos nas capas da revista e nas propagandas veiculadas¹. Exemplos de críticas à mulher feia são os quatro textos que escolhemos para nossa seleta para reedição que se encontram no final deste trabalho: “O elogio das feias”, de Nilo Bruzzi, de 1924; “Mulheres feias”, de Luiz Guimarães Junior; “A mulher feia²”, de Olho de Vidro, ambas publicadas em 1925, e “A beleza d’alma”, de Conde V. Smiles, de 1926, transcritas em edição diplomática a fim de não modificar a grafia original; logo, os vocábulos obedecem à acentuação e à ortografia da época.

Em tom didático e romanesco, Nilo Bruzzi faz uma comparação das qualidades da mulher bonita com as da feia em “O elogio das feias” (n. 30, p. 29). Vale notar que no seu referido texto a beleza feminina é descrita não pela aparência física, mas pela virtude, o que corrobora com a ideia machista da época de que as mulheres bonitas corrompiam a moral dos homens, porque eram mais propensas às relações extraconjugais, ao passo que as outras, mesmo sendo consideradas feias, eram alvo de elogios uma vez que elas eram submissas aos preceitos patriarcais.

Nesse mesmo viés, em 1925, Luiz Guimaraes Junior, ao contrário do autor anterior, publica o artigo literário “Mulheres feias” (n. 55, p. 38-39), onde faz uma comparação entre as atitudes do marido da mulher bonita e o da feia e o comportamento social delas, comentando que as bonitas são mais vaidosas e mais ignorantes, enquanto que as feias são mais descuidadas e politizadas. Com teor misógino e zombeteiro ele apresenta a mulher feia como um mal irreparável pelos homens, todavia, necessária para a sociedade, enquanto que a bonita é reparável

¹ Todos os números de 1925 a 1940 estão digitalizados no site da Hemeroteca Digital Brasileira (<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/vida-capixaba/156590>). Além disso, alguns números impressos podem ser encontrados na Fundação Biblioteca Nacional, no acervo de coleções especiais da Biblioteca Central da Ufes, da Biblioteca Pública Estadual Levy Cúrcio da Rocha e no Arquivo Público do Espírito Santo.

² O texto publicado na revista não possui título. A fim de facilitar sua menção na seleta propomos este título a partir da identificação do tema central da crônica.

e, portanto, alvo do olhar protetor do marido que, inclusive, faz recomendações de como sua esposa deve comportar-se em público em prol da honra do cônjuge.

Para Joana de Vilhena Novaes (2006, p. 30), a “feira passa a ser uma exclusão socialmente validada”. Na coluna humorística “Pavilhão das Bonecas” do pseudônimo Olho de Vidro, a misoginia é altamente prestigiada pelos receptores dos textos do autor. Apesar de ser uma coluna curta (1924 a 1925) fez muitas críticas às condutas das mulheres que eram alvo de chacotas pelos seus comportamentos inadmissíveis, em especial, o adultério. Mesmo com a brevidade dessa coluna, Olho de Vidro dedicou o texto “A mulher feia” (n. 56, p. 42) especialmente para zombar da virtude das desprovidas da beleza esperada pelos homens.

Em contrapartida ao texto de Bruzzi, onde este “elogia” as feias porque são submissas, Olho de Vidro direciona sua crítica para o desprezo das mulheres feias (física e moralmente) e o enaltecimento das bonitas, já que era intolerável um homem ser casado com uma feia, porque sua honra seria manchada ao ser alvo de zombaria. Essa crítica nada pacífica do colunista desloca a atenção de algumas leitoras da época para o ideal de beleza desejado pelos homens, o que é visto em 1926, em “A belleza d’alma”, do Conde V. Smiles (n. 63, p. 36).

Nesse texto, percebe-se que o tema da beleza não é mais de uma perspectiva masculina, pois quem se manifesta é uma personagem feminina que afirma não possuir a beleza física, somente a da alma. No desfecho da crônica a personagem se suicida ao dizer “Sou a BELLEZA D’ALMA”. Esse término sinistro nos parece que mesmo em 1926 ainda havia uma incógnita para as mulheres no conceito do valor da beleza para a sociedade, uma vez que a própria personagem não o compreende e, por conta disso, se mata talvez por acreditar que a falta da beleza física é importante assim como era a da alma, isto é, a moral.

É por intermédio desses textos, que trazem a problemática da mulher feia em diferentes anos, autores e posições, que buscamos mostrar como a beleza feminina era pensada e, em alguns casos, satirizada. Acreditamos que expor essa temática seja necessário, porque se trata de uma questão política e traz à tona um passado

que, para as mulheres, foi pungente (e ainda é), mas que é imprescindível para refletirmos a respeito do cenário preconceituoso da nossa sociedade principalmente no que tange à beleza feminina que, apesar de atualmente estar sendo pluralizada no mercado da moda, ainda existem resquícios da valorização de um padrão ideal e, igualmente, de homens que acreditam ser a “mulher feia” a escolha perfeita para o casamento.

Elegemos textos do princípio do século XX, na época da *Belle Époque* (expressão de origem francesa que significa a “bela época”, do final do século XIX e princípio do XX), para mostrar a receptividade da época para um tema que incomoda tanto as mulheres como os homens de tempos posteriores.

Nessa época, especificamente da cultura urbana, houve uma explosão intelectual, científica e artística. Desenvolveram-se a Art Nouveau e o Impressionismo; expandiram-se a ciência e a tecnologia, surgindo inovações como o automóvel, o telégrafo e o avião que vieram fortalecer as relações internacionais políticas e culturais. Durante a *Belle Époque* também houve o desenvolvimento da moda e uma das potências europeias mais significativas neste setor foi a França, atuando como país modelo das novas tendências, em especial, para o Brasil que procurava reproduzir o luxo e a extravagância francesa (MENDES, 2015, p. 12-13).

Devido a essas modificações, aconteceu um avanço social que se estendeu a muitos países. O voto para as mulheres e um conjunto de leis que marcaram o desenvolvimento feminino, bem como o apoio ao trabalho, sobretudo de mulheres excêntricas que buscavam se inserir na sociedade de forma autônoma ao sexo masculino, são algumas dessas novidades (MÈRCHER, 2012, p. 2). A revista *Vida Capichaba* acompanhou, no Espírito Santo, os avanços culturais e políticos próprios desse momento e a nova moda de procurar a “essência da beleza”.

Essa busca não terminou nessa época. Por exemplo, em 1959, essa temática já era alvo de atenção de escritores consagrados na literatura, tais como, Vinicius de Moraes em seu poema intitulado “Receita de mulher”. Nele o poeta afirma - “as muitas feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”. Também, na psicanálise,

em 1981, em *O mal estar da civilização*, Freud declara que a felicidade da vida depende da fruição da beleza que está diretamente ligada ao prazer sexual; além disso, o psicanalista afirma que a fruição da beleza não possui um emprego evidente e provém de uma qualidade peculiar de sentimento humano que, justamente por isso, se torna intoxicante.

Logo, a beleza é fundamental tanto a física como a moral para o Homem, assim como as suas criações artísticas e científicas e a Natureza em si com os seus, rios, montes, animais e mares. O prazer da beleza traz emoção; ela não tem utilidade, mas a cultura não pode prescindir dela³. Atualmente, para esses padrões de beleza, fundamenta Novaes (2006) em seu livro *O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos* que

[...] o corpo ideal não diz respeito somente ao controle do peso e das medidas, revela também funções psicológicas e morais. A feiúra caracteriza, a um só tempo, uma ruptura estética e psíquica, da qual decorre a perda da auto-estima. Vale lembrar que a dimensão ética é também rompida, pois se deixar feia é interpretado como má conduta pessoal, podendo resultar na exclusão do grupo social. Portanto, mudar seu corpo é mudar sua vida, e as intervenções estéticas decorrentes desse processo traduzem-se em gratificações sociais (NOVAES, 2006, p. 73).

É com base nesse pensamento que concluímos que o conceito de beleza continua sendo um rótulo até os nossos dias, sobretudo para o sexo feminino, já ponderado, ironicamente, por Luiz Guimarães Junior (*Vida Capichaba*, 1925, p. 39) em seu texto, "Mulheres feias": "a mulher feia é necessária [...] mas a bonita [...] é imprescindível".

³ "[...] la felicidad de la vida se busque ante todo en el goce de la belleza, dondequiera sea accesible a nuestros sentidos y a nuestro juicio; ya se trate de la belleza en las formas y los gestos humanos, en los objetos de la Naturaleza, los paisajes, o en las creaciones artísticas y aun científicas. [...] El goce de la belleza posee un particular carácter emocional, ligeramente embriagador. La belleza no tiene utilidad evidente ni es manifiesta su necesidad cultural, y, sin embargo, la cultura no podría prescindir de ella".

Referências:

BRUZZI, Nilo. O elogio das feias. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 30, 1924.

FREUD, S. El malestar en la cultura. In: _____. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. t. III, p. 3017-3099.

GUIMARÃES JUNIOR, Luiz. A mulher feia. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 55, p. 38-39, 1925.

MENDES, Raísa Amaral. Os modos de vestir e a influência francesa na Belle Époque carioca. *Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 10-21, nov de 2015.

MÈRCHER, Leonardo. Belle Époque francesa: a percepção do novo feminino na joalheria Art Nouveau. In: ANAIS do VI Simpósio Nacional de História Cultural *Escritas da história: Ver- sentir - narrar*. Teresina: UFPI, 2012. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/conf-L.php>. Acesso em: 30 mar. 2020.

MORAES, Vinicius de. Receita de mulher. In: _____. *Novos poemas II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 25-27.

NOVAES, Joana de Vilhena. *O intolerável peso da feiura: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio Garamond, 2006.

PACHECO, Renato. As publicações literárias (ou quase). In: HISTÓRIA da Literatura do Espírito Santo. Vitória: Cultural-ES, [1992]. V. 3, p. 349-369. Datiloscrito inédito constante do acervo de Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo. Tombo n. 869,0 (81) (091) H 673.

SILVA, Cecília Nunes. *Entre o matrimônio, a beleza, a moda e esportes: imagens da mulher na revista Vida Capichaba (1925-1939)*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/1315>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

SODRÉ, Paulo Roberto. Relatório de atividades de Licença para Capacitação – Cantáridas e “Alfinetadas” na Vida Capichaba: estudo sobre literatura satírica produzida no Espírito Santo (década de 1920). Vitória: Ufes, 2016. [Inédito].

SMILES, Conde V. A belleza d’ alma. *Vida Capichaba*, n. 63, p. 36, 1926.

VIDRO, Olho de. Pavilhão das Bonecas. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 56, 1925.

O elogio das feias

Porque, talvez, tenha já vivido de mais - que o homem conta os dias de vida pelas emoções por que passa e não pelos annos que vive - encontro muito maior belleza nas mulheres feias.

Estas sim! Outros mundos se desvendam nos seus corações, os cinco sentidos do amôr são muito outros que não os do escandalo das mulheres prodigiosas. A mulher feia, á medida que a conhecemos melhor, vamos achando nella encantos que pareciam não existir, ao passo que com a mulher bonita acontecesse justamente o inverso - com a convivencia vae se tornando vulgar e cada dia que passa achamos-lhe um defeito. Nunca é como a imaginamos á primeira vista.

O amor da mulher feia é bordado de luas macios, de musicas em surdina e de caricias silenciosas. Só as feias amam, só as feias comprehendem, como os Poetas, a ternura dos pequenos gestos, das palavras que não são ditas para não quebrarem a voz do olhar...

Como são lindas aquellas que não são precedidas pelo escandalo da belleza! Ver diariamente um encanto que surge das maneiras discretas de uma criaturinha toda recato, toda incredula da sua formosura; ver, cada dia de convivencia que se tem, que ella é interessante, que tem qualquer cousa pouco definida, mas que os olhos da alma da gente completam; ver que, não chamando a attenção de todo mundo, ella passa com um pensamento bem dentro da cabecita e dentro do coração um grande amôr silencioso, que ninguem sabe, que ninguem desconfia, porque ella não revela nunca o seu immenso affecto, temerosa de que se riam de sua timida paixão... Se lhe fallam de amôr ella sorri vagamente, porque não vê nas incertas curvas de seu corpo uma esperanza para um olhar do eleito, não comprehende que elle possa vê-la e muito menos amal-a. E guardam, secretamente, dentro de si mesmas, todo um grande mundo de affectos, todo um largo oceano de caricias delicadas, que ruge nos seus intimos, cheios de reconhecimento...

O coração da mulher feia é um jardim fechado. Feliz daquelle que consegue penetral-o! Terá, então, os olhos tocados de surpresa ao ver como são lindos e albetes os lirios e as sensitivas, e as florinhas cujo perfume é tanto mais suave, quanto mais escondido.

A mulher feia recebe o amôr do homem como presente de Deus e guarda-o com um carinho commovedor. O desvelo que ella tem para com o amado é todo como que dolorido e por isso mesmo sincero, porque sómente a Dôr é que é verdadeira... Ao contrario do amôr das mulheres de rosto bello, o amôr das de belleza na alma tem as côres do crepusculo, o perfume subtil e modesto das violetas e das rosas brancas, uma cavatina de sons smorzados, a maciez das plumas e o gosto leve de um manjar celeste Nelle encontramos um Céu estrellado, que é como um grande tapete de velludo azul sobre o qual derramassem maravilhosos diamantes; nelle ouvimos cantando baixinho os immortaes nocturnos do coração humano; nelle aspiramos aquelles aromas suavissimos, que se desprendiam da cabelleira de Eurydice por quem morreu, chorando o seu amôr, Orpheu; nelle bebemos o capitoso vinho, que nos entontecendo deixa que entremos no mesmo jardim, onde cantou o Passaro Azul da felicidade, de que nos fala Maeterlinck; nelle attingimos o recinto de ouro da perfeição, que se não abre ao artista, como cantou Bilac, mas que se não cerra ao coração humano para a perfeição da bondade e da misericordia; nelle vemos luzir todas as frouxas claridades, que são como lampadas accesas, de luz quebrada, illuminam a nossa hora augusta de imaginação; nelle encontramos o seu abrigo para a nossa louca esperanca e o calice da serenidade para a febre da nossa pungente saudade.

NILO BRUZZI, 1924, n. 30.



Capa da Vida Capichaba, n. 30 de 1924 e a página do texto de Nilo Bruzzi.

Mulheres feias

Há por este mundo ainda muita gente ruim, que fala contra a mulher feia, que é o maior thesouro de que se possa ufanar o genero humano. O ciume, o zelo e o amor, esses três inimigos roedores do nosso espirito e da nossa tranquilidade, desaparecem espavoridos perante a mulher feia... O marido da mulher feia é quasi sempre homem alegre, rubicundo, gordo e amigo do proximo. O marido da mulher bonita é desconfiado, magro, inquieto, nervoso e malcreado, quasi sempre, Fulano de tal, possuidor d'uma mulher habitualmente feia, vae a todos os bailes, comparece a todas as reunioes, ri-se em altas vozes, conversa com todo o mundo, satyriza a seu bello prazer a sociedade em geral, dança e come de todas as bandejas meia duzia de bolos, discute politica, pavoneia-se ao espelho e é o ultimo a abandonar os saloes do baile terminado. O marido da mulher bella pouco dança, come pouco, não tira os olhos do lugar em que está a escolhida do seu coração, franze os sobr'olhos, quando ella dança com alguem, passeia agitado pelas salas, e, finalmente, depois da terceira quadrilha, pretexta uma enxaqueca e põe-se ao fresco, sem a menor cerimonia.

Antes de entrar no salão do baile, não se esquece da recommendação habitual:

- Não dances muito, que não te fica bem, e a respeito de valsas e polkas nem falar nisso é bom. Nada de polkas e valsas, vê lá!

O consorte da feia é mais generoso:

- Dança, meu bem, dança á vontade. Olha, é higienico até! Faze de conta que estás solteira; não te importes commigo, diverte-te até não poderes mais.

Perguntai ao marido de uma senhora bonita:

- Como vae a excellentissima?

Elle vos responderá seccamente:

- Sem novidade, obrigado.

E nada mais!

O marido da mulher feia dirá logo, depois de vinte sorrisos amaveis:

- Está bôa, agradecido! Então? Não apparece mais por aquella choupana. Estará mal comnosco? Minha mulher queixa-se de que o senhor é o maior ingrato deste mundo. Appareça, appareça!

A mulher feia é uma necessidade social: uma necessidade urgentíssima como a água, o sol, o dinheiro, o alimento enfim!

Passeia-se com uma mulher feia, e ninguém repara, ninguém fala, ninguém olha mesmo.

Dê-se o braço a uma mulher bonita, e o alarma persegue-nos de uma maneira irresistível.

- Quem será ella?
- Pois fulano já se casou?
- É noiva, de certo!
- Ou prima!
- Formosos olhos!
- E que pés? Dous prodigios de miniatura!
- Feliz patife!
- Aquelle ladrão sempre teve gosto, venha a verdade.
- Amanhã vou perguntar-lhe, onde desencovou aquella

sereia!

E, no dia seguinte, não faltam visitas, não faltam importunos, que nos caíam em cima, armados d'um arsenal de perguntas a que sômos forçados a responder de qualquer maneira.

Ora, isso é simplesmente horroroso. Não há quem o suporte!

A mulher virtuosa é feia ao extremo.

Dá-se com affinco ao trabalho da agulha, trata com interesse da roupa do marido e ás <<horas mariannas>>, apparece pouco á janella; é bôa mãe de familia, não tem caprichos nem vaidade, e faz residir toda a sua ventura em aprender receitas de dôces e elevar ao ultimo grão de apuro a confecção do bife de grelha, ou de um ensopado de feijão fradinho!

A mulher bonita não sâe da <<toilette>>, quebra vinte espelhos por semana, faz o marido assignar todos os jornaes de moda, não prega um botão, estropia Verdi e Bellini, sem dar satisfação á critica musical, liga pouca importancia aos filhos, se os tem, aprende todas as línguas sem attender ás regras de nenhuma, desconhece a existencia da agulha, vae a todos os theatros e bailes, onde esbanja sem piedade a fortuna do casal, e finalmente considera-se feliz apenas quando a modista lhe traz o vestido do baile e o marido o bilhete do camarote para o espectaculo da noite!

A vaidade, que é um vicio perfumado, mas um vicio sempre! foi creada exclusivamente para a mulher formosa. E é, entre as garras dessa vaidade eterna, que a honra do marido desaparece com uma velocidade atroz.

A mulher feia é quasi sempre sadia, robusta e fresca. A mulher bonita é nervosa, frenetica e doente. Se não houvesse no mundo mulheres bonitas, para morrer á fome, era bastante ter-se um diploma de medico.

A mulher feia recorre pouco ás drogas e aos Esculapios. As mulheres bonitas estão ás voltas sempre com o xarope de fedegoso e com as pastilhas de << café d'Arabic>>! Póde-se dizer, sem medo de errar, que a mulher bonita é o fanequito posto em acção.

O marido da mulher feia volta para casa á noite cantarolando, pinoteando, sorrindo, na certeza de que o chá o espera, quente, e as torradas bem feitas.

O marido da mulher bonita anda devagar, espreitando tudo, tremulo, receioso e julgando vêr constantemente uma sombra misteriosa á porta da casa.

Todo o bilhete, que encontra no chão, todo o fragmento de papel apanha-o com cautela e vae a um canto lê-lo, decifral-o, adivinhal-o, cuidando ter em suas mãos alguma prova da infidelidade conjugal.

Se encontra a mulher alegre:

- Quem esteve aqui hoje? pergunta franzindo a testa.

- O Izidro só!

- O Izidro! Disseste Izidro? De que Izidro me falas?

- Oh! homem, o criado do teu amigo Santos, que veio trazer o livro, que lhe emprestaste anteontem.

- Ah!

Desfranja-se-lhe a testa, beija a mulher, vai á mesa do chá.

- Como está frio este chá, minha filha!

- Pois querias que estivesse ardendo, como se sahisse do fogo neste momento?

- Não, mas...

- Vamos, vamos, toma teu chá e vem acompanhar-me á casa da Oliveirinha, que me está esperando desde as seis horas da tarde.

E lá vai o infeliz, fatigado e aborrecido, depois da chavena desenxavida, cumprir as ordens da caprichosa, que brada pela demora de alguns minutos.

O marido da mulher feia engole tranquillamente o seu excellente chá da India, mastiga umas torradas e uns biscoitos deliciosos, torna a enfiar o paletot e sae á rua novamente ou sem dizer á infeliz o que vae fazer, a que horas volta e, se dormirá fóra essa noute.

A mulher bonita possui o dom fatal de trazer o homem atrelado a seu carro victorioso, como uma victima ou como um parvo. A feia prega asas nos pés dos mais valentes! Não há

quem suporte uma mulher feia por mais de oito minutos; é cousa de metter medo deveras, antes uma peça de artilharia fazendo fogo a valer!

Eva, a primeira beleza do mundo, foi a primeira peccadora também. Cornelia, a virtuosissima mãe dos Grachos, foi a cara mais tenebrosa do seu tempo.

A mulher feia é inconquistavel como Malakoff. Por que? Por defender-se muito? Qual! porque ninguem se atreve a ataca-la.

Apesar, porém, de todos os perigos e tentações que a formosura provoca, a mulher bonita será sempre a collecionadora de todos os <<fracos>> e bigodes do globo. Quem resiste a seus olhos formosos, humididos e cheios de venturas indiziveis? Quem fecha os ouvidos a uma voz piedosa e meiga, que desliza como um beijo por entre dois labios vermelhos e tremulos?

Isso é que é a ventura, isso que é a felicidade, isso que é a primavera e o amor!

Theophilo Gauthier diz que o governo deveria fazer baixar um decreto, ordenando que as mulheres bonitas apparecessem á janella, uma vez por semana ao menos, «para que o povo não perdesse o gosto do bello».

A mulher bonita é um dos mais interessantes espectaculos com que nos mimoscou a providencia.

A mulher feia tem a virtude da racha; a mulher bonita possui a virtude da formosura.

Em conclusão: a mulher feia é necessaria, concordo; mas a bonita? A mulher bonita é imprescindivel.

LUIZ GUIMARAES JUNIOR, 1925, n. 55



Capa e páginas do texto de Luiz Guimaraes Junior na *Vida Capichaba* n. 55, de 1925.

[A mulher feia]

Na roda selecta, no *Café Globo*, foi o *clou* das palestras a virtude das mulheres feias. Uns diziam que a mulher feia tem a virtude de ser feia, outros diziam que a mulher feia tem a virtude de não valer nada, outros ainda opinavam que a virtude da mulher feia é ser 'cacête'.

Certo poeta sarcástico, que até então não dizia cousa alguma, abriu o ultimo numero da *Vida Capichaba* e leu, em voz alta, o artigo de Luiz Guimarães, filho - *A mulher feia*.

Lá pelas tantas, quasi no fim, até os copos estavam corados...

Mas ninguem disse que não concordava...

OLHO DE VIDRO, 1925, n. 56



Capa da *Vida Capichaba* n. 56, de 1925, e as páginas do texto de Olho de Vidro.

A beleza d'alma

A beleza d'alma é o conjunto de virtudes.

Hoje, o mundo é assim...

Noite de verão. Eu perambulava pela praia. O mar, estorcendo-se em convulsões, roncando qual uma fera, vinha leonino, raivoso, ora cuspir babugens, ora liquefazer-se num punhado de perolas no alvo lençol de fina areia.

Passeava só. Só? Não. O solitário é um paradoxo vivo. Dentro; em minha mente, trazia alguns amigos a philosopharem...

Subito, ouvi um ciciar, rythmo de sêda, e vi um vulto, que vinha em direcção á garganta do oceano.

Passou por mim, olhou-me, estremeceu e sorriu.

Primeiramente tive receio. Ellas olham para todos os homens.

Mas, finalmente, approximei-me daquelle vulto feminino.

Suas linhas fizeram-me lembrar uma pagina de teratologia. Jamais havia visto uma creatura tão feia.

- Só?

Balançou affirmativamente a cabeça.

- Como se chama?

Conservou-se muda e continuou o seu caminho.

Acompanhei-a magnetizado. Nunca uma mulher feia me seduziu tanto.

- Agradeço-lhe a companhia...Adeus...E' tarde...

E correndo, para atirar-se ao mar, exclamou:

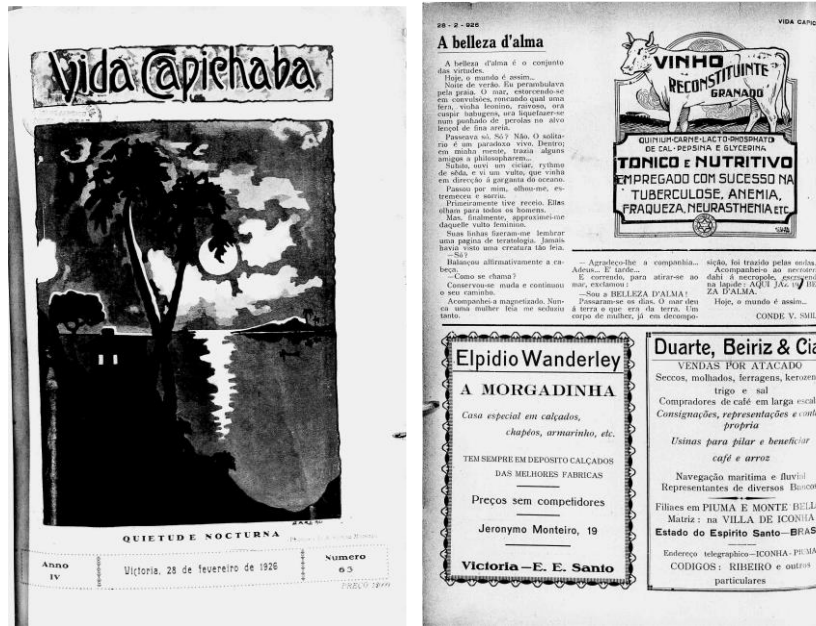
- Sou a BELLEZA D'ALMA!

Passaram-se os dias. O mar deu á terra o que era da terra. Um corpo de mulher, já em decomposição, foi trazido pelas ondas.

Acompanhei-o ao necroterio, e dahi á necropole, escrevendo-lhe na lapide: AQUI JAZ A BELLEZA D'ALMA.

Hoje, o mundo é assim...

CONDE V. SMILES, 1926, n. 63



Capa da *Vida Capichaba* n. 63, de 1926, e a página do texto do Conde V. Smiles.

Recebida em: 28 de fevereiro de 2020
 Aprovada em: 13 de abril de 2020